

Os livros da ignorância de Antônio Ramos Rosa e Manoel de Barros

The Books of Ignorance by Antônio Ramos Rosa and Manoel de Barros

Gustavo Castro

Universidade de Brasília (UnB) | Brasília

DF | BR

gustavo.castro@fac.unb.br

<https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

Guilherme Mazui Roesler

Universidade de Brasília (UnB) | Brasília

DF | BR

guilhermemazui@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-3348-7168>

Resumo: O artigo trata de dois livros de títulos e temáticas quase idênticos que valorizam a ignorância – em 1988, em Portugal, Antônio Ramos Rosa lançou *O livro da ignorância*, enquanto Manoel de Barros publicou no Brasil *O livro das ignoranças* em 1993. Por meio de um trabalho descritivo e comparativo, o texto apresenta as duas obras e, de forma resumida, seus autores, avançando na identificação de convergências e divergências na abordagem dada ao tema da ignorância. Também avalia a coincidência – ou não – do poeta brasileiro utilizar um título muito similar ao do colega português. Nas obras, Ramos Rosa destaca, entre outros pontos, a transparência. Manoel enaltece o desconhecer, usando como meio o homem simples que vive no Pantanal. Os dois livros conectam poesia e filosofia, vinculados à tradição socrática do não saber, apresentando entendimento inusual da ignorância como um caminho para o conhecimento, uma forma de alcançar a sabedoria.

Palavras-chave: ignorância; sabedoria; poesia; Antônio Ramos Rosa; Manoel de Barros.

Abstract: The article examines two books with nearly identical titles and themes that foreground ignorance. In 1988, in Portugal, Antônio Ramos Rosa published *O Livro da Ignorância*, while in 1993, in Brazil, Manoel de Barros released *O Livro das Ignorâncias*. Through a descriptive and comparative approach, the text presents both works and briefly introduces their authors, identifying convergences and divergences in their treatment of ignorance. It also considers whether the Brazilian poet's use of a highly similar title was coincidental or not. In these works, Ramos Rosa emphasizes, among



other aspects, transparency, whereas Manoel de Barros celebrates unknowing, portraying the simple man who lives in the Pantanal as its vehicle. Both books connect poetry and philosophy, drawing on the Socratic tradition of not-knowing, and propose an unusual understanding of ignorance as a path to knowledge and a way of attaining wisdom.

Keywords: Ignorance; Wisdom; Poetry; António Ramos Rosa; Manoel de Barros.

1 Introdução

Em 1988, António Ramos Rosa (1924-2013) lançou em Portugal pela Editora Signo, na coleção Pequeno Continentes, *O livro da ignorância*. Cinco anos depois, no Brasil, Manoel de Barros (1916-2014) lançou *O livro das ignorâncias*, pela editora Civilização Brasileira. Este artigo visa entender esta curiosa coincidência de títulos e estéticas em anos próximos e compreender, senão a sincronicidade, as propostas presentes nas obras. Neste sentido, queremos investigar as publicações e comparar a noção de ignorância em Ramos Rosa e em Manoel de Barros, com o objetivo de explorar o tema e sua relação, por exemplo, com a sabedoria.

Com tais livros, podemos dizer que os dois poetas se inscrevem na tradição de filósofos e teólogos que colocaram a questão da ignorância no âmago de suas produções. Em *Apologia de Sócrates*, Platão (2019) cita a famosa frase “só sei que nada sei”, atribuída ao filósofo grego, dita no sentido do reconhecimento da sua própria ignorância, mas também como visão dos limites do conhecimento. A ignorância aparece em Sócrates como cautela. Para ele não há pior posição do que a postura de sábio, uma vez que a mesma tende a não indagação. O gesto da ignorância é, para ele, o início da sabedoria. No século XIV, Francesco Petrarca, poeta e acadêmico renascentista, escreveu uma carta intitulada *De sui ipsius et multorum ignorantia* (“Sobre a sua própria ignorância e a de muitos outros”), na qual pergunta se pode haver campo tão amplo como um tratado sobre a ignorância. Ao refletir sua aprendizagem, conclui que, conforme ganhava experiência e conhecimento, menos tinha certeza de seus julgamentos e, enquanto envelhecia, a própria ideia de conhecimento se tornava cada vez mais ilusória.

No século XV, o filósofo e teólogo alemão Nicolau de Cusa (2012), formulou a “*docta ignorantia*” (“douta ignorância”), que era, como em Sócrates, uma instância pedagógica, necessária ao processo de aprendizagem. O saber do não-saber operava para que o ser humano construísse de forma progressiva o conhecimento. No entanto, Cusa se diferenciou de Sócrates por associar a ideia à noção de infinito. Para ele, o infinito só pode ser aquilo que, revelando a nossa ignorância radical, apela à humildade.

A humildade de saber reconhecer o erro e aprender com ele surge também em Edgar Morin. No livro *Conhecimento, ignorância, mistério* (2020) a relação entre as ideias é a de antagonismo e complementaridade. Morin retoma Cusa e retira dele a frase: “o saber da ignorância

conduz ao inefável”. Morin (2020, p. 109) propõe o “conhecimento complexo” como forma de não continuarmos a ser “ignorantes da nossa ignorância”.

Nós vivemos na superfície de nós mesmos. Somos possuídos por forças obscuras, nossos Daimon internos e externos a nós. Somos possuídos pelos mitos, deuses, ideias. Somos manipuladores manipulados, possuídos pelo que possuímos, viver é como uma embriaguez e um sonambulismo (Morin, 2020, p. 68-69).

Além de Sócrates, Petrarca, Cusa e Morin, a ignorância interessou também aos dois poetas estudados. Em Ramos Rosa encontramos uma “modalidade da ignorância que se revela fecunda e iluminadora” (Carvalho, 2020, p. 332). Nele, vemos esse não-saber socrático que convida à renúncia dos pseudo-conhecimentos acumulados e à abertura ao conhecimento verdadeiro. O mesmo encontramos em Manoel, para quem as “ignorâncias” não são pejorativas, coisa de gente estúpida. Elas pressupõem uma “didática” – como em Sócrates – e uma relação pura, primeira e original com a natureza.

Dividimos, assim, o artigo em três partes, apostando na descrição e comparação como ferramentas de pesquisa. Na primeira e na segunda, trabalhamos em separado os dois livros, estudados respectivamente em ordem cronológica por publicação, tentando meditar sobre cada autor e o teor das obras. Na terceira parte, avançamos em um breve diálogo para apontar divergências e convergências nos trabalhos que valorizam a ignorância pelo viés do olhar inaugural, vendo o não saber como um caminho para o conhecimento.

Ramos Rosa e Manoel apresentam uma concepção inusual de sabedoria, vinculada à tradição filosófica que remonta a Sócrates. A ignorância deixa de ser limitação e torna-se propulsora de pensamento. Nessa perspectiva, os dois poetas propõem a libertação dos muros da razão, o entendimento de que a ignorância abre o olhar para diferentes saberes, configurando-se como ponto de encontro entre poesia e filosofia.

2 O livro de Ramos Rosa

Existe a possibilidade de Manoel de Barros conhecer *O livro da ignorância* de Ramos Rosa porque, quando este último lançou o seu livro em 1988, em Ponta Delgada, com capa de José Teófilo Duarte, era um momento da carreira no qual acumulava prêmios e entrevistas, além de resenhas em jornais com crítica positiva em Portugal.

Em nossa meditação, o que mais chama a atenção no livro de Ramos Rosa é a consciência estética e sapiencial presente na ideia de transparência. Ela é onipresente nos poemas e se manifesta de diversas maneiras. O português busca de forma consciente “a clareza elemental, as energias positivas” (Ramos Rosa *apud* Coutinho, 2003, p. 215). Ele usou esses termos em 1988, mesmo ano da publicação de *O livro da ignorância*, referindo-se à sua relação com Fernando Pessoa. A declaração consta na tese *Mediações críticas e crítica poética em Antônio Ramos Rosa*, defendida por Ana Paula Coutinho (2003). Segundo ela,

O jovem poeta do Algarve não fora, é claro, insensível à publicação das obras de Fernando Pessoa pela Ática, no início da década de 40, quase em simultâneo à publicação da antologia organizada por Adolfo Casais Monteiro (Confluência,

1942). ARR parece ter ficado particularmente fascinado com Álvaro de Campos. Todavia, segundo seu próprio depoimento, ter-se-ia distanciado do poeta de *Ode Marítima* devido a seu pessimismo radical. “O que eu buscava obscuramente era a claridade elemental, as energias positivas de uma poesia menos dominada pela trágica consciência da inaniidade. (Ramos Rosa *apud* Coutinho, 2003, p. 215)

O livro escrito por Ramos Rosa possui 109 poemas, sem divisão de partes. Os primeiros poemas são mais longos, os últimos mais curtos. Ele dedica o livro ao filósofo e poeta português Fernando Echevarría (1929-2021), talvez pelo fato de o livro ter essa dupla característica: pode ser lido como filosofia praticada em versos ou poema filosófico. Ramos Rosa começa o livro de forma despretensiosa: “Sem confidências sem visões reveladoras / entro num domínio imediato e sinuoso”, sendo o domínio “sinuoso” tanto o da poesia como o da filosofia: “Palavras mas porquê?” (Rosa, 2020, p. 12); “Como acender os frágeis nomes?” (p. 18); “Quem pergunta o que é a verdade?” (p. 24); “De nada se passar não se passa mais nada?” (p. 37); “Estar amplo é levedar leveza” (p. 42).

Helena Carvalho (2022, p. 334) identificou no livro “uma ignorância lúcida, um silêncio núbil”, o exercício que “obriga o sujeito a despir-se dos condicionamentos prévios e dos costumados jogos da razão”. Ela encontrou um “vazio puro” (Carvalho, 2020, p. 54) e iluminado, no sentido budista e taoísta. “O vazio rosiano”, diz, “nos dá a pensar o zen” (Carvalho, 2022, p. 311).

A questão que mais se destaca no livro, contudo, é a da transparência ou de claridade elemental. Ela é trabalhada e retrabalhada ora nas formas de luz tranquila: “Todo o ser quer o ser na luz tranquila / e espraia-se em paz na transparência” (Rosa, 2020, p. 25); ora na luz fulgurante: “Que privilégio andar e olhar sentir o solo firme / e ver a luz fulgurante e a verdura das árvores” (p. 66); ora no calor: “Foram dias claros e estivais havia / o ímpeto da luz e do calor e uma côncava / densidade” (p. 41). A transparência também aparece feito renovação lúcida, claridade que não aprisiona: “Nada colhemos senão a própria ausência / mas ela é a permanência inicial / do que em nós está completo e se suspende / na plena claridade que nada aprisiona” (Rosa, 2020, p. 30): “Renovar se possível o lúcido exercício / que é ir entrando até onde a claridade / traz a brisa ao tempo e a lugares inviolados” (p. 32).

Os objetos e os espaços também possuem luz: “Por vezes cada objeto se ilumina” (Rosa, 2020, p. 27), “Vemos e tudo está passando numa tranquila ordem / e cada objecto reflecte a teia de uma luz / que suscita as palavras desenhadas no silêncio” (p. 28); “toda matéria é transparente” (p. 52); “Era então a gravidez do espaço e éramos / contemporâneos da transparência inicial” (p. 46); “E tudo o que se vê é a ondeação / da transparência até os confins do planeta” [...] “O mundo é assim mesmo máquina ligeiríssima / de horas transparentes e de espaços fluviais” (p. 42).

Sobre as “energias positivas”, elas surgem tematizadas na paz, felicidade, delicadeza, leveza e alegria, mescladas à transparência: “Concentramos o transe de estar sendo / em cada coisa o peso e o contorno / na felicidade ignorante acesa” (Rosa, 2020, p. 24); “Como explorar a imponderável felicidade / de um domínio tão sereno e tão pungente?” (p. 26); “Estar na paz no prestígio limpo / que nos traz à certeza de estar / no sopro do tempo onde é claro / Dissemina-se por todo o lado a delicadeza / como uma forma de alegria luminosa” (p. 28); “entregamo-nos ao âmbito de uma paz / que é a medida do mundo quando nada / se nos oferece senão o habitar / aquelas horas de um universo que / é no silêncio glória obscura e transparente” (p. 34); “na irreduzível paz de ser quem é / onde surdem íntimas transparentes luzes” (p. 38-39); “Dir-se-ia que a necessidade se metamorfoseia / e num relâmpago o rosto

dilacerado se ilumina de uma alegria tranquila” (p. 39); “Estar amplo é levedar leveza / em consonância com as minúcias animais [...] / Tudo em torno é delicadeza / de um limbo e o sopro da amplitude” (p. 42); “Então o que há para dizer / é a alegria de um nada que liberte o instante / e tudo é ainda por ser na liberdade do lume” (p. 43).

Entre as “energias positivas” mencionadas pelo poeta podemos colocar a suavidade: “Sei de uma estranha suavidade e de um pensativo ardor / que modula o beijo numa demora fascinada” (Rosa, 2020, p. 21); a leveza: “Tudo em torno acende perfeição mais leve” (p. 17); a “solidão fraterna”: “Por vezes a paciência é estarmos densos / [...] Entrarmos na grande solidão fraterna” (p. 24); o bem-estar: “Num passeio tudo quanto recebemos / é um bem-estar de espaço e a leveza / de quem abriu portas subterrâneas” (p. 35).

No livro também sobressai a questão da ignorância. Para Carvalho, o tópico é central na poesia e na poética de Ramos Rosa. Segundo ela, a ignorância e o não saber devem ser vistos em ligação à ideia de “consciência pré-reflexiva” (Carvalho, 2022, p. 159). Enquanto não-saber, a ignorância contesta o falatório do mundo, constrói-se “no pudor/ de tudo o que se afirma” (Rosa, 2020, p. 25), e, mais do que afirmação, é essencialmente escuta do “silêncio incandescente” e “inexpugnável”. Carvalho entende que a estratégia do livro é a de irmanar os contrários, como nos versos: “E sem figuras entramos em contacto / com o vazio ardente / que envolve todos os contrários numa afirmação silenciosa / e dentro de nós consoma a mágica obscuridade / em que ser é como não ser e não ser como ser” (Rosa, 2020, p. 32).

O tema surge logo em um verso do primeiro poema – “Quando eu escrever que seja o cimo ignorante / do bem estar” (Rosa, 2020, p. 11) – e consta em toda a obra: “Um livro ilegível pela intensidade / a cal do muto as unhas a ferrugem / as obscuras qualidades os acordes / que nomeiam o secreto e o longínquo” (p. 11). Neste trecho, “um livro ilegível” refere a *O livro da ignorância*? Prossegue o autor: “Toda ignorância saboreia as substâncias escuras / que nascem para a claridade do fundo de si mesmas” (p. 15). Para ele, a ignorância possui luz: “E um canto nascerá da ignorância acesa / em que o silêncio é núbil ou gravidade branca” (p. 19); “Talvez um outro espaço mesmo na ignorância possa ser transparente” (p. 56). Em alguns momentos ela se relaciona com o “ser” e o “saber”: “Nada poderemos saber, mas poderemos ser?”; “Pela análise / nada podemos saber mas o prestígio / da sombra escurece-nos e acalma-nos” (p. 37); “E não sabendo conhecemos devagar / um outro espaço de translúcido desenho” (p. 28); “Nada sabemos de quase tudo. A vastidão é inapreensível / A simultaneidade é inapreensível / A disparidade é inapreensível” (p. 56).

O tema também se relaciona à sabedoria: “Ninguém penetra até ao fundo de si mesmo / Ninguém penetra até ao fundo do outro / Todavia às vezes o fundo transparece / porque há um centro comum / de sombra e alegria” (Rosa, 2020, p. 30); “Em tudo há uma ponderação / Que é um ofício sacro da paisagem / que entrega o mundo à paz dos arrabaldes” (p. 34); “Estar profundamente certo e ser ignorante/ no prestígio actualíssimo da alegria” (p. 46); “Talvez um outro espaço / mesmo na ignorância possa ser a transparência” (p. 56). Ele se empenha em reiterar um não-saber essencial: “Nada sabemos de quase tudo A vastidão / é inapreensível A simultaneidade / é inapreensível A disparidade / é inapreensível E há um mutismo / no mundo e em nós que não se quebra nunca” (p. 56).

Em um livro que celebra a ignorância, verbos como “saber”, “conhecer” e “viver” são recorrentes: “Separam-se as salas onde o viver era / o movimento largo da frescura / e a casa era um prestígio claríssimo e o imprevisto país da alegria / Era a pátria do ar e dos ofícios leves / em que tudo era alto e harmónico de ver [...] / Pensar era ser cúmplice de uma argúcia

cândida” (Rosa, 2020, p. 35); “Vive-se quando se vive a substância intacta / em estar a ser sua ardente harmonia / que se expande em clara atmosfera / leve e sem delírio ou talvez delirando” (p. 42); “ignorar é compreender” (p. 84). Robert Bréchon observou que a ignorância foi o método escolhido por Ramos Rosa para uma “ascese feliz”, o que Carvalho (2022, p. 336) preferiu chamar de “aprendizagem de desaprender”.

Quando lançou *O livro da ignorância*, em 1988, Ramos Rosa gozava de status de poeta premiado, fruto da carreira iniciada 30 anos antes com *O grito claro* (1958). Em 1988 foi agraciado com o prêmio Pessoa, concedido pelo jornal *Expresso*. Já tinha vencido o prêmio do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários e o PEN Club de Poesia com *O incêndio dos aspectos* (1980); o Nicola com *Volante verde* (1986); o da Associação Portuguesa de Escritores e CTT por *Acordes* (1989); e o Eça de Queiroz, da Câmara Municipal de Lisboa, com *As armas imprecisas* (1992). Em 1991, foi o poeta europeu da década pelo *Collège de l'Europe* (“Colégio da Europa”) (Soares, 2013).

O livro da ignorância teve crítica e repercussão na mídia fora de Portugal. Na França recebeu em 1992 o prêmio Jean Malrieu de melhor livro de poesia. Nesse período, apareceu de forma esporádica em grandes jornais no Brasil. Era mencionado junto com outros autores portugueses, a exemplo de José Alberto Braga no *Jornal do Commercio* (1985), Arnaldo Saraiva em *O Estado de S. Paulo* (1987) e Eduardo Prado Coelho na *Folha de S. Paulo* (1988).

3 O livro de Manoel de Barros

Manoel de Barros lançou *O livro das ignorâncias* em 1993 em duas edições, uma de colecionador, confeccionada pela Sociedade dos Bibliófilos do Brasil, e outra comercial, distribuída pela editora Civilização Brasileira. Em 107 páginas, apresentou aos leitores 19 poemas, divididos em três partes – “Uma didática da invenção”, “Os deslimites da palavra” e “Mundo pequeno” (Barros, 2010). Ele utilizou na primeira parte do livro (“Uma didática da invenção”) a didática do “des”: “desaprender”, “desinventar”, “descomeçar” e “desconhecer”. Diz: “Desaprender oito horas por dia ensina os princípios” (p. 299); “desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao / pente funções de não pentear. Até que fique à / disposição de ser uma begônia” (p. 300); “No descomeço era o verbo” (p. 301); “Ocupo muito de mim com o meu desconhecer” (p. 303).

Em todo o livro são frequentes as desaprendizagens: “Repetir repetir – até ficar diferente” (Barros, 2010, p. 300); “Poesia é quando a tarde está competente para dalias” (p. 300); “Para entrar em estado de árvore é preciso partir / de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no / mês de agosto” (p. 301). Camargo (1996, p. 38-39) atesta que, na visão do poeta, a “ignorância pressupõe uma relação primitiva com o mundo”, na qual a linguagem não foi enquadrada pelo contexto, “não sofreu a cultura em seu outro gume, que é o da repressão”. Conforme Santos (2017, p. 77), a poesia de Manoel “se alimenta de um idealismo capaz de levar o homem a um estado de pureza na experimentação do mundo”. Esse estado fica evidente nas crianças: “As coisas que não têm nome são mais pronunciadas / por crianças” (Barros, 2010, p. 300); “A criança diz: eu escuto a cor dos passarinhos” (p. 301). Já a ideia de pureza/impureza aparece nos versos: “Sou pervertido pelas castidades? Santificada pelas imundícias?” (p. 302).

Como em Ramos Rosa, Manoel encontra na natureza um amplo campo de diálogo com as claridades e os silêncios: “Um girassol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh” (Barros, 2010, p. 301); “Há certas frases que se iluminam pelo opaco” (p. 303); “Não tem altura o silêncio

das pedras” (p. 301). Nesse e em outros livros, Manoel valorizou o desconhecer que permite descrever as coisas de forma original, a exemplo da criança que olha o “mundo como se fosse a primeira vez”, conforme relatou a José Geraldo Couto, em entrevista publicada em 1993 no jornal *Folha de S. Paulo*. Na ocasião, explicou o título *O livro das ignoranças*:

Criar, para mim, começa exatamente no desconhecer. Então, a intenção do título desse livro vem daí: criar começa na própria ignorância. É preciso ignorar para fazer nascimentos. Poesia é sempre um refazer, um transfazer o mundo (Barros *apud* Couto, 1993, p. 8-9).

Manoel optou por “ignoranças” para destacar a voz do homem simples do campo, no caso, oriundo do Pantanal. Apesar de não ter mencionado se houve inspiração em Ramos Rosa, costumava escolher para suas obras títulos inspirados em trabalhos já publicados. Foi assim com *O guardador de águas* (1989), como tributo a Alberto Caeiro (Fernando Pessoa – 1888-1935) e seu *O guardador de rebanhos* (1925); e *Retrato do artista quando coisa* (1998), usando a referência de *Retrato do artista quando jovem* (1916) de James Joyce (1882-1941). Portanto, o autor brasileiro pode muito bem ter sido inspirado no volume de Ramos Rosa.

Voltando ao teor do livro, na segunda parte, intitulada “Os deslimites da palavra”, Manoel conta a saga do canoeiro Apuleio, que “vogou três dias e três noites por cima das águas, sem comer e sem dormir”, e que havia encontrado no “Centro de Criadores da Nhecolândia” um caderno contendo 200 frases: “Passei anos penteando e desarrumando as frases” (Barros, 2010, p. 305). A escolha do personagem fez referência a Lúcio Apuleio (124 d. C.-170), escritor e filósofo platônico, que viveu em Roma e escreveu *O Asno de ouro*, fábula sobre pecado e expiação. A escolha do personagem filósofo-fabulista parece proposital, relacionada à didática do “des”. “Desconfio que, nesse caderno, o canoeiro voou fora da asa” (Barros, 2020, p. 305).

Assim, Apuleio narra a sua aventura pela verticalidade: “Daqui só enxergo a fronteira do céu”; “Estou anivelado com a copa das árvores” (Barros, 2010, p. 306); pela ignorância que extrapola a lógica: “Ontem choveu no futuro” (p. 305); pela delicadeza: “minha canoa é leve como um selo” (p. 306), “Desculpe a delicadeza” (p. 307), “Sou puxado por ventos e palavras” (p. 307); pela clareza: “Insetos cegam meu sol / Há um azul em abuso de beleza” (p. 307); “Eu sei das iluminações do ovo” (p. 307) e pelo desperdício: “Preciso do desperdício das palavras para conter-me” (p. 307).

Segundo Manoel, foram inspiradores os versos de Arthur Rimbaud lidos na juventude: “o desregramento de todos os sentidos, o obscurecimento das imagens, a rebeldia contra a representação mimética da realidade, a vidência” (Camargo, 1996, p. 21). As lições do “des”, presentes nesse “desregramento”, auxiliaram Manoel a criar no livro uma “Uma didática da invenção” ao lado de os “Deslimites da palavra”. Se a palavra didática remete às técnicas e métodos para ensinar, o “deslimite” remete ao apeiron ou aquilo que não tem limite, o infinito: “Maior que o infinito é a encomenda” (Barros, 2010, p. 304), “O infinito do escuro me perena (p. 311). No “Deslimites da palavra” reafirma o seu des saber – “Do que não sei o nome eu guardo as semelhanças” – e seu saber – “Desculpem-me a falta de ignoranças” (p. 308).

Noutros poemas, ele prossegue o jogo entre saber e não saber: “Eu escrevo o rumor das palavras. / Não sou sandeu de gramáticas. / Só sei o nada aumentado” (Barros, 2010, p. 309); o jogo ser e não ser: “Desenvolvo meu ser até encostar na pedra” (p. 309); aceita o sombrio: “Aceito no meu fado o escurecer” (p. 309) e corrige as coisas no olhar: “Ajeito as nuvens no

olho” (p. 309). Como em Ramos Rosa, a ignorância tem algo de solidão fraterna. Manoel diz: “Ó solidão, opulência da alma!”, algo do nada, “Tenho vanglórias de niquices” (p. 309), e algo de vazio: “Ando muito completo de vazios” (p. 310).

Manoel mantém-se fiel durante toda a obra à didática do “des”: “O fim do dia aumenta meu desolo. / Às vezes passo por desfolhamentos. / Vou desmorrer pela pedra como um frade” (Barros, 2010, p. 311). Santos (2017, p. 136) observou que, no poema VII dessa parte, Manoel usou o neologismo “descomeço”, que remete ao “tempo mítico da criação do mundo, um tempo atemporal, localizado fora da História e marcado pela existência de uma linguagem evocadora, capaz de dar vida e forma às coisas nomeadas”. Esse tempo opõe-se ao tempo histórico, no qual vivemos e empregamos a “linguagem funcional, um recurso de comunicação desprovido de qualquer singularidade mágica ou evocadora” (Santos, 2017, p. 136).

Na obra, Apuleio fala de si com a mesma característica e aborda o saber/desconhecer que valoriza as ignoranças e lhe permitem o olhar original. “Tenho o ombro a convite das garças”, “Escuto a cor dos peixes” e “Do que não sei o nome eu guardo as semelhanças”, registra (Barros 2010, p. 308, 309, 308). Apuleio conta a travessia em busca de se desconhecer: “Não sei mais calcular a cor das horas / As coisas me ampliaram para menos” (p. 308).

Na terceira parte do livro, “Mundo pequeno”, Manoel exalta os saberes e olhares de personagens: o bugre Felisdônio, Sombra-Boa, Ignácio Rayzama, Rogaciano, Andaleço e Bernardo. Tais personagens são marcados pelo cunho autobiográfico (Béda, 2007), são seres em “estado de pré-consciência”, na função de “duplo, alter-ego ou porta-voz” (Camargo, 1996, p. 121). O alterego que se tornou mais conhecido, Bernardo, foi inspirado em um funcionário da fazenda do poeta no Pantanal de Mato Grosso do Sul. “Bernardo é quase árvore / Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe”, descreveu em *O livro ignoranças* (Barros, 2010, p. 322). Coloca ainda na boca de Bernardo uma frase fundamental: “Pode um homem enriquecer a natureza com sua incompletude? (p. 322)”.

No livro, um vaqueiro “Gostava de desnomear” chamando as coisas ao seu modo, por não saber as definições correntes: “Para falar barranco dizia: lugar onde avestruz esbarra / Rede era vasilha de dormir” (Barros, 2010, p. 316). Sombra-Boa caçava “rãs entardecidas” nos barrancos, ouvia “conversamentos de gaivotas” e dialogava em português, no idioma da etnia guató e em pássaro (p. 317). Manoel também fala de si, recria memórias da escola, a relação com o padre Ezequiel, personagem inspirado em um dos seus professores. No poema VII, diz que, aos 13 anos, descobriu que o que lhe dava mais prazer era a “doença” das frases. Ao comunicar o fato, o padre lhe disse ser saudável “fazer defeitos na frase” (2010, p. 319):

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...
E se riu.
Você não é de bugre? – ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncs maduros.
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática
(Barros, 2010, p. 319-320).

Rodrigues (2007, p. 107) assinala que Manoel utiliza no poema VII e em outros d'O *livro das ignorâncias* elementos da crônica, entre os quais um narrador-personagem, a memória e o emprego de referências a frutos locais e as paisagens. Na obra, recria a viagem que disse ter feito por Bolívia e Peru na década de 1940, quando caminhou “sobre grotas e lajes de urubus”, “outonos mantidos por cigarras”, “lamas fascinando borboletas”, “alcançar os deslimites do Ser” e “lecionar andorinhas” (Barros, 2010, p. 323-324). No poema “Autoretrato falado”, o último do livro, traz informações biográficas. Conta que veio de uma Cuiabá (MT) marcada pelo garimpo, que o pai teve uma venda de bananas na região do Beco da Marinha, que rumou ao Pantanal onde se criou “entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios”, cita o “gosto de estar entre pedras e lagartos”, e o gosto de “fazer o desprezível ser prezado”, admite a procura de autoconhecimento e o inevitável caminho até a ignorância (Barros, 2010, p. 324):

Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore (Barros, 2010, p. 324).

Camargo (1996, p. 120) destaca que crianças, andarilhos, loucos e poetas transitam na obra de Manoel no “limiar da ignorância e do conhecimento, onde a sociedade acaba e começa um mundo indomável pela racionalidade redutora e pela sociedade de consumo”. Ao longo das três partes de *O livro das ignorâncias*, o poeta brasileiro faz um guia de sabedoria/ignorância e mostra esse método em aplicação por terceiros e depois por ele próprio.

4 Convergências, divergências e considerações finais

O livro de Manoel dialoga com o de Ramos Rosa nas questões de conhecimento e ignorância. Os autores confluem na maneira de encarar a ignorância ao vê-la como um não-saber que não deve ser encarado de forma depreciativa, já que permite descobrir e descrever o mundo de maneira pura. Eles se aproximam ao trabalharem com a ideia da ignorância como possibilidade de lucidez, clareza e inteligência unificada. O valor positivo da ignorância surge na obra de ambos como “uma reconexão a um momento pré-lógico e pré-reflexivo” (Carvalho, 2024, p. 7). Os trabalhos dos poetas levam à luz uma forma de comunhão entre poesia e real que reaviva o tema do não saber, cuja relevância está exposta nos títulos dos livros. “Em ambos os poetas, a ignorância ganha uma faceta positiva, ao passar pelas portas de uma ordem superior de entendimento, do conhecimento das verdades primordiais” (Carvalho, 2024, p. 13).

Nos dois casos, há uma proposta inusual de sabedoria ligada ao campo da filosofia, que remete a Sócrates e à tradição de pensadores que apontaram no desconhecer o incentivo para a busca constante de experiências e conhecimento. A exemplo de Ramos Rosa, Manoel trabalhou suas reflexões a respeito da ignorância na ideia de “des”. O tema já havia surgido em obras anteriores. Em *Arranjos para assobio* (1982), cita um homem escolhido desde criança “para ser ninguém e nem nunca”, um sujeito que “se merejava sobre a carne dos muros / e era ignorante como as águas” (Barros, 2010, p. 171-172). O tema ressurge em 1989, n'O *Guardador*

de águas. No “Poema VIII”, escreveu: “Para voltar à infância, os poetas precisariam também de / reaprender a errar a língua. / Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma nos mosquitos? / Seria uma demência peregrina” (Barros, 2010, p. 266).

A ideia reaparece em 1991, no *Concerto a céu aberto para solos de ave*, quando o poeta falar de Bernardo da Mata: “para saber dos passarinhos só precisa de suas ignorâncias” (Barros, 2010, p. 279). A publicação de *O livro das ignorâncias*, em 1993, não encerrou a presença e a valorização do desconhecer e do não-saber nos versos do autor. *Menino do Mato*, lançado em 2010, destaca outra vez Bernardo e indaga se “é preciso estudar/ ignorâncias para falar com as águas?” (Barros, 2010, p. 452). Além disso, volta a valorizar a inocência:

A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas
pela inocência.
O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias
para a gente bem entender a voz das águas e
dos caracóis (Barros, 2010, p. 450).

Os dois poetas incentivam o sujeito a se libertar de condicionamentos prévios guiados pela razão, o que pode ser feito somente por quem desconhece as coisas, aquilo que Helena Carvalho chamou de ignorância lúcida. A pesquisadora aponta que Ramos Rosa e Manoel comungam da influência dos franceses Arthur Rimbaud e Stéphane Mallarmé e “entendem a poesia como acolhimento do outro” (Carvalho, 2024, p. 2). Apesar de diferenças de estilo, os autores apresentam semelhanças a respeito da maneira como tratam a natureza e a evocação da palavra poética. Entre os pontos de semelhanças registradas por Carvalho (2024) estão palavras que se repetem nos livros de ambos: semente, formiga, pássaro, terra, vento, amor, inocência, nada, vazio. Manoel chamava de arquissemas as palavras de presença constante em seus versos. “Arquissemas, aprendi de um filólogo, cujo nome não me lembro agora, são palavras logradas dos nossos armazenamentos ancestrais, e que ao fim norteiam o sentido de nossa escrita”, disse à revista *Bric-a-Brac* (Barros *apud* Turiba; Borges, 1989, p. 34-39).

Os poetas também se aproximam nas reflexões filosóficas inseridas em versos, no exercício de metapoesia, no qual questionam as origens da palavra, e no ímpeto por explorarem sentidos e possibilidades da linguagem. Outro ponto de contato é a alteridade radical, observada por Carvalho (2024, p. 6), que faz os dois construírem um novo olhar sobre as coisas e seres.

Manoel se diferencia de Ramos Rosa ao ambientar sua obra, na maior parte dos livros, na zona rural e por usar personagens variados – crianças, andarilhos, camponeses, ele próprio – para dar voz à poesia e às reflexões filosóficas que apresenta, marcadas pela crítica à mentalidade capitalista e pela valorização do ínfimo, do desprezível e do descartável. O uso de neologismos e da sintaxe do homem pantaneiro também são pontos distintos do brasileiro em relação ao colega português. Segundo Carvalho, em *Ocupação do espaço* (1963), Ramos Rosa já aludia a uma ignorância conquistada que, em *Ciclo do cavalo* (1975), será apresentada como reduto da esperança e modo da felicidade.

Apontadas convergências e divergências nos livros de títulos e temáticas similares, fica a dúvida em relação a escolha do autor brasileiro. Coincidência? Proposital? Apesar de não identificarmos indícios de plágio ou de homenagem a Ramos Rosa, é curioso que Manoel tenha lançado uma obra de título quase idêntico cinco anos depois do português. O estranha-

mento se justifica pelo fato de o brasileiro ter batizado os livros *O Guardador de águas* e *Retrato do artista quando coisa* inspirado em títulos de Fernando Pessoa e James Joyce.

Ao longo da carreira, Manoel citou em entrevistas dezenas de escritores de seu apreço, com destaque para Padre Antônio Vieira, Rimbaud e João Guimarães Rosa, mas não mencionou Ramos Rosa. No entanto, consideramos um tanto improvável que o brasileiro não conhecesse o português. Manoel vivia em Campo Grande, mas passava longas temporadas anuais no Rio de Janeiro, onde visitava a filha e livrarias. Ele não era alheio ao que acontecia em Portugal e o seu contato com a literatura daquele país entre os anos 1980 e 1990, não era infrequente. Além de ter visitado Lisboa, consumia obras e críticas de profissionais portuguesas.

Manoel conhecendo ou não Ramos Rosa e seu livro da ignorância, o fato é que os dois autores de língua portuguesa produziram uma obra na qual a ignorância é potência de iluminação, de conhecimento e autoconhecimento, de devaneio e realidade, de claridade e sombra, de vazio e plenitude, de lógica e ilogismo, de silêncio e voz, de sabedoria e a loucura, enfim, mediadora entre poesia e filosofia.

Referências

BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo. Leya, 2010.

BÉDA, Wálquiria. *A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a autobiografia*. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

BORGES, João; TURIBA, Luis. Manoel de Barros. *Bric-a-Brac*, Brasília, 1989. p. 34-49.

CAMARGO, Goiandira F. O. *A poética do fragmentário – uma leitura da poesia de Manoel de Barros*. 1996. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/5dbdob59-1adf-4883-acc8-8bb2b91e008b>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CARVALHO, Maria Helena C. *A lucidez do poema a meditação metapoética como caminho filosófico e sapiencial em António Ramos Rosa*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura e Cultura) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.

CARVALHO, Maria Helena C. Poetic Word and Otherness in António Ramos Rosa and Manoel de Barros. In: GONÇALVES, Andreas; PINTO, Ana Paula; LAMBERT, Dominique (ed.) *The Process of Becoming Other in the Classical and Contemporary World*. London: Palgrave Macmillan, 2024. p. 101-113. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-031-62395-0_6. Acesso em: 7 jan. 2026.

COUTINHO, Ana Paula. *Mediação crítica e crítica poética em António Ramos Rosa*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2003.

COUTO, José Geraldo. Manoel de Barros busca na ignorância a fonte da poesia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 nov. 1993. p. 8-9.

CUSA, Nicolau. *A douta ignorância*. Trad. João Maria André. Lisboa: Fundação Calouste. Gulbenkian, 2012.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.

MORIN, Edgar. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

RODRIGUES, Paulo Morgado. *Manoel de Barros: confluência entre poesia e crônica*. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROSA, Antonio Ramos. *Obra Poética 2*. Porto: Assírio & Alvim, 2020.

SANTOS, Suzel D. *Poesia e pensamento em Manoel de Barros*. 2017. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017.

SOARES, Manuela Gaucha. Morreu António Ramos Rosa. *Expresso*, Paço dos Arco, 23 set. 2023. Disponível em: <https://expresso.pt/cultura/morreu-antonio-ramos-rosa=f831965> . Acesso em: 8 jan. 2025.